

R. História, São Paulo, n. 125-126, p. 149-192, ago-dez/91 a jan-jul/92.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo, Ática, 1989. 124 p. (Série Fundamentos, 41).

Joaci Pereira Furtado *

Este livro pode causar-lhe a impressão de ter constatado algo óbvio, após passar por um suado contorcionismo conceitual. Você provavelmente se irritará, certo de que a autora e seus estetas da recepção, além de não terem atingido o nirvana da complicação para enfim simplificarem as coisas, ainda complicam o que é simples. Trata-se de 124 páginas discorrendo sobre uma teoria segundo a qual - imagine! - um romance ou poema é passível de várias interpretações - todas produto de leitores igualmente mutáveis.

Essa aparente banalidade pode adquirir contornos graves, se olharmos com menos preconceito para nossos vizinhos das letras e mais humildade para nossas mazelas epistemológicas. Interpretar é algo vital para o historiador, continuamente envolvido com a exegese de documentos e bibliografias. E se não bastasse essa memção, caberia assinalar como a leitura assume um papel importante na história da humanidade ao lembrarmos Hegel lido por Marx, Marx lido por Mao. Mao lido pelo Sendero Luminoso - ou ainda a Bíblia sob os olhos de S. Tomás de Aquino, Martinho Lutero e Leonardo Boff.

Se hoje está claro que não há como alcançarmos o significado do texto - até porque ele não existe -, não era assim que se pensava até o princípio do século. E a turbulenta relação entre o que está escrito e o leitor vem sendo objeto de reflexões muito complexas, em nada condizentes com a facilidade que a princípio o ato de ler nos sugere. Em termos - diríamos - bastante simples, esta é a principal preocupação das idéias analisadas na obra em questão.

Não há como ignorar esse debate, travado nas estratosferas da teoria literária, se ainda desejamos seqüestrar a literatura para a dissecação histórica. É claro que, se nos ativermos a "sociologia histórica da leitura" praticada por Robert Darnton e Roger Chartier, entre outros, mais preocupada com a circulação e consumo de livros do que necessariamente com a história inter-

* Departamento de História/USP.

pretativa destes, a prioridade é responder por que se lê este e não aquele autor - ou ainda qual o lugar da literatura na sociedade (quem lê e escreve o quê? onde?)¹. Mas a estética da recepção será muito útil ao historiador se ele preferir estudar como uma determinada obra foi interpretada ao longo do tempo. Ela pode esclarecer a dialética entre a "ortodoxia do texto" imposta por escritores e editores e a "irredutível liberdade dos leitores"².

Regina Zilberman oferece um guia para quem deseja iniciar-se nessa escola que não dissocia experiência estética e hermenêutica literária. Licão muito proveitosa aos historiadores, que, na pressa da caça à "carne humana" de que fala Marc Bloch, freqüentemente atropelam a dimensão artística da literatura, que preside tanto o ato da sua produção quanto o da sua interpretação. Se pretendemos colocar esta última na moldura da história, necessitamos antes compreender as possibilidades que poetas e romancistas expõem a consciência imaginante do leitor. Percebidas as sutilezas da obra, seus "vazios" textuais, reconstituídas as perguntas as quais originalmente ela respondia, cabe ao historiador resgatar e analisar os significados atribuídos ao texto, sempre de olho na relação dialógica entre este e o leitor:

De um lado, situa-se o efeito, condicionado pela obra que transmite orientações prévias e, de certo modo, imutáveis, porque o texto conserva-se o mesmo, ao leitor; de outro, a recepção, condicionada pelo leitor, que contribui com suas vivências pessoais e códigos coletivos para dar vida a obra e dialogar com ela. Sobre esta base, de mão dupla, acontece a fusão de horizontes, equivalente a concretização do sentido. (p. 65)

E para aplacar a ânsia talvez irrefreável de ver tudo isso aplicado a algo que nos seja mais familiar, Zilberman encerra o livro com "Helena: um caso de leitura" (p. 74-98). Resgatando a recepção do romance de Machado de Assis, a autora consegue espantar a resistência ou as dificuldades do leitor-historiador que não se deixou vencer pelas 73 páginas anteriores. A própria autora avisa que, ao se debruçar sobre essa obra, manteve-se "dentro dos limites da metodologia sugerida por H. R. Jauss [...]" (p. 99), provando que a estética da recepção não é privilégio de quem só filosofa em alemão. Convite sedutor, para os que acreditam que, no caso de amor mal resolvido entre literatura e história, nem tudo está perdido.

- 1 DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*, mídia, cultura e revolução. Trad. D. Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 1990. p. 156-9.
- 2 CHARTIER, Roger. *A história cultural*; entre práticas e representações. Trad. M. M. Galhardo. Lisboa, Difel, 1990. p. 123-4.